

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA FEMININA EM *MEUS DESACONTECIMENTOS*, DE ELIANE BRUM E *CADERNOS DE INFÂNCIA*, DE NORAH LANGE

MATEUS KLUMB¹; REGINA KOHLRAUSCH²

¹Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – mklumbb@hotmail.com.br

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – regina.kohlrausch@pucrs.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho centra sua análise nas obras *Cadernos de Infância* (1937) e *Meus desacontecimentos – A história da minha vida com as palavras* (2014). Trata-se de duas narrativas de memórias, fato que já as inscreve em um complexo campo de análise, permeado pela conflituosa teoria que se debruça sobre a memória.

Norah Lange, autora de *Cadernos de Infância*, publicou pela primeira vez em 1928, estreando com o livro de poesias *La calle de la tarde*. É um dos nomes da literatura argentina de vanguarda e se destacou em um contexto literário fundamentalmente masculino. Já Eliane Brum, autora de *Meus desacontecimentos – A história da minha vida com as palavras*, natural de Ijuí/RS, além de escritora é também jornalista. Atuou como repórter no jornal *Zero Hora* e na *Revista Época*, e desde 2013 tem uma coluna quinzenal, publicada em português e espanhol, no jornal *El País*. Além disso atua como colaboradora do jornal britânico *The Guardian*.

A presente proposta de análise objetiva identificar os mecanismos acionados na diegese para a construção de memórias que deixem em evidência a questão do feminino. Apesar de certa distância temporal entre as narrativas, ambas convocam elementos literários que selecionam, organizam e veiculam memórias de infância e adolescência das protagonistas narradoras. Em certa medida é possível traçar um paralelo no qual um grupo de informações referentes às protagonistas corresponde às vidas das autoras. No entanto, não se pretende entrar na questão da veracidade dos fatos narrados. De acordo com Eneida Maria de Souza, “ficcionalizar não se restringe à criação de mentiras e distorções do real, mas em formalizar, em ficcionalizar a narrativa da própria vida.” (SOUZA. 2015, p. 4). Nesse sentido, a visão adotada aqui é a do texto enquanto obra literária, contexto no qual os dados postulados como reais serão observados apenas como recursos para a construção da diegese e pano de fundo para os objetivos identificados pela presente leitura. A visão que sustentam as duas protagonistas não é infantil ou inocente, mas a de mulheres adultas, marcadas por uma série de vivências, que narram o período de sua infância e adolescência, fato que confere às personagens o entendimento sobre o que estão narrando. Nesse contexto, de acordo com Beatriz Sarlo,

as “visões do passado” são construções. Justamente porque o tempo passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. (SARLO. 2007, p.12)

Tanto a protagonista de Brum quanto a de Lange, cada qual a seu modo e em conformidade com o período correspondente, trazem como marca central na

narração de suas memórias um nível narrativo no qual uma ideia de coletivo transcende o contexto individual. Lange narra suas memórias extraíndo-as de um coletivo composto por ela e suas irmãs, enquanto Brum seleciona e organiza vivências particulares inserindo-as em um lugar bastante específico do qual quer pertencer, algo como uma memória cultural feminina do contexto no qual nasceu e cresceu. De acordo com Assmann (2011), “a memória cultural depende de certas mídias e práticas. Ela precisa ser sempre renegociada, estabelecida e mediada, pois não dá prosseguimento a si mesma, sozinha.” (ASSMANN. 2011, p. 23). Quando tocam na sua visão sobre o ser mulher, ambas as narradoras o fazem a partir e por meio dos exemplos femininos que as cercam e diante dos quais se constituem. Em Lange, como sugere o contexto histórico, isso se dá de forma bastante velada e diluída na narrativa, enquanto em Brum isso se expressa quase como um grito em forma de literatura, pois há a rememoração de um ser mulher além do tempo. E é nesse nível que se torna interessante observar que de inúmeras maneiras a memória coletiva pode ser não falada, escondida e negada, pois como bem coloca Assmann,

enquanto os processos de recordação ocorrem espontaneamente no indivíduo e seguem regras gerais dos mecanismos psíquicos, no nível coletivo e institucional esses processos são guiados por uma política específica de recordação e esquecimento. (ASSMANN. 2011, p. 19)

A memória feminina, esquecida, negada e apagada pelas políticas que regem a rememoração coletiva, tímida e disfarçadamente postulada por Lange, é escancarada por Brum. A protagonista de Brum marca corporalmente essa memória, seja na seleção vocabular literal ou na construção das inúmeras metáforas acionadas para referir-se ao corpo da mulher. As marcas corporais que delimita são os órgãos biológicos comuns a todas as mulheres. Nesse sentido é novamente Assmann quem contribui para pensar a relação corpo e memória, quando destaca que “as escritas do corpo surgem através de longa habituação, através do armazenamento inconsciente e sob a pressão de violência. Elas compartilham a estabilidade e a inacessibilidade.” (ASSMANN. 2011, p. 260). Para Assmann “uma memória corporal se fixa, mesmo depois do alívio da dor, em traços e cicatrizes” e vai ainda mais longe ao citar Pierre Clastres, para quem “as marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é memória”. (ASSMANN. 2011, p. 264).

A partir do exposto as narrativas em questão são analisadas, destacando os elementos necessários para a observância da forma pela qual as autoras constroem uma memória do feminino, tendo no horizonte as considerações de Assmann (2011), para quem as verdadeiras protagonistas das obras literárias não são as personagens, mas as recordações.

2. METODOLOGIA

A presente análise é resultado de uma pesquisa realizada para a disciplina de Memorialística, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Após a leitura e discussão de um grupo de textos teóricos empenhados com o complexo e polissêmico campo da memória, foram realizadas diversas leituras de obras literárias que apresentam como eixo central uma narrativa de memórias. A partir delas optou-se pelo recorte temático que serve como base para essa análise, na qual são cotejados conceitos teóricos com as obras literárias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cadernos de Infância é um texto de memórias que são narradas de forma fragmentada e sem seguir uma ordem cronológica. A protagonista escolhe recordações e as apresenta ao leitor com a linguagem da mulher adulta que as conta e faz um exercício de reflexão sobre elas.

Lange desenvolve sua narrativa a partir de temas como o medo, a morte e o mistério de eventos inquietantes, deixando muitas situações sem explicação, e permeadas por uma espécie de vazio. A protagonista narra sua trajetória com a literatura e evidencia possuir uma forma de curiosidade mórbida no que tange ao que é íntimo do outro. Daí sua relação com o observar e o ler, não apenas textos, mas também situações e pessoas, questão expressa pela metáfora da janela que perpassa toda a narrativa. A temática do ser mulher se faz presente, principalmente, pela presença do “nós” que narra, um “nós” coletivo e feminino, composto pelas 5 irmãs que estão sempre juntas, descobrindo, a medida que crescem, o universo feminino e as dores e temores do mundo. No universo infantil, as irmãs se observam e observam as mulheres ao seu redor, constatando os papéis sociais que ocupam, e as características que fazem de algumas o exemplo e modelo que também a protagonista deseja encarnar quando adulta.

Em *Meus desacontecimentos*, é narrada a história de Eliane, nascida e criada em Ijuí, cidade localizada no sul do Brasil. A protagonista lança a visão da jornalista sobre sua infância, destacando um conjunto de memórias organizadas de maneira bastante peculiar. À primeira vista o leitor se depara com uma leitura pesada, marcada por desacontecimentos, como o próprio título evidencia. As memórias revelam uma série de negativas, de não acontecimentos, a partir das quais uma menina, nascida em uma família que perdera outra filha aos cinco meses de idade, se constitui como mulher.

Desde o início a narradora deixa bastante evidente que tem plena consciência do terreno escorregadio que percorrerá na narrativa. Antes do prelúdio já pontua que “lembranças não são fatos, mas verdades que constituem quem lembra. Recordações são fragmentos de tempo” (BRUM. 2017, p. 07). Sua consciência sobre um tipo de funcionamento da memória, presente em toda a extensão da narrativa, deixa visível o objetivo da protagonista de fazer o que Sarlo (2007) pontua, quando se refere a Susan Sontag, dizendo que “é mais importante entender do que lembrar, embora para entender também seja preciso lembrar.” (SARLO. 2007, p. 22). A seleção e organização das memórias de Brum não se dá unicamente para demonstrar a trajetória da infância e adolescência de uma jornalista. Ao observar quais as lembranças que a narradora resgata, é possível vincular o texto a uma questão social mais profunda corporificada pelas personagens que integram a narrativa. O prelúdio, criando a imagem de uma espécie de gênese, já sinaliza onde essa questão social nasce e a inscreve como sendo tão antiga quanto a própria origem das coisas e dos seres. Ao mesmo tempo em que a protagonista é a jornalista Eliane Brum, ela pode ser vista como a própria corporificação dessa problemática.

Ao comparar as duas narrativas observa-se que ambas tratam da questão do feminino, mas o fazem de forma quase dicotômica. Brum deixa a postura de sua narradora muito mais evidente, enquanto Lange traz a representação de uma protagonista que parece conformar-se com o destino das mulheres de seu tempo, o que não é de todo verdade, pois no fundo a aparente conformidade sugere uma crítica disfarçada.

4. CONCLUSÕES

Em ambas as obras é possível traçar uma leitura preocupada com as questões sociais de tempos marcados por convenções morais herdadas de uma sociedade patriarcal, a qual resiste para além da história. Saindo das memórias particulares e individuais de suas protagonistas, Lange e Brum atingem um nível coletivo de memória feminina pela identificação que criam entre as personagens que elegem. Apesar das histórias de vida serem diferentes de uma para a outra, visto que cada mulher que compõe os elencos das narrativas encarna um determinado tipo de sofrimento, a raiz dos problemas vividos pelas personagens é a mesma. É o ser mulher que impõe os fatos pelos quais sofrem, sepultando algumas delas em vida sob as lápides do casamento e das convenções sociais, e obrigando-as, como bem exemplificam as personagens femininas de Brum, a trocarem sua alma pelo mínimo de aceitação num universo cristão, guiado por uma ideologia onde os homens se sentiam tão donos das mulheres ao ponto de abandoná-las pelo simples fato de cortarem o cabelo sem sua autorização.

Como citado, algumas memórias não se sustentam por si mesmas e precisam ser frequentemente retomadas pelas mídias sociais, a fim de que sejam renegociadas e reorganizadas culturalmente, não deixando-as reféns da política de esquecimento e rememoração tão bem lembrada por Assmann e vinculada a uma parcela dominante e historicamente privilegiada da sociedade. Privilégio este sustentado pelo poder de manipulação de coletivos, os quais inevitavelmente possuem caráter individual nas suas bases, espaço onde o preconceito e a violência se processa da forma mais literal e doída. Não é a toa que obras publicadas com um intervalo de quase oitenta anos tragam a representação de um mesmo problema sob diferentes roupagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução Paulo Soethe. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2011.
- BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras**. 2º edição. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- LANGE, Norah. **Cadernos de Infância – Memórias**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. – Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG 2007
- SOUZA, Eneida Maria de. **Autoficção e Sobrevivência. RED _Revista de Ensaios Digitais**. Rio de Janeiro. Número 1, 2015. ISSN: 2525-3972 Disponível em: <http://revistared.com.br/artigo/73/autoficcao-e-sobrevivencia>. Acessado em 23 de junho de 2019.